

O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA NO BEHAVIORISMO RADICAL DE SKINNER

Pedro Eduardo Almeida Costa¹ – Alex Eduardo Gallo²

Resumo

Nesta breve revisão de finalidade didática, discutem-se algumas questões relacionadas à consciência para o behaviorismo radical de Skinner. A consciência pode ser compreendida como um comportamento de nível superior (ontológico e cultural) que envolve a habilidade de descrever o motivo de estar fazendo algo de alguma forma e não de outra, planos para o futuro e até mesmo sentindo (sentimentos e sensações). A emissão desse comportamento ocorre de forma verbal, manifesta ou encoberta, e, sob perspectiva behaviorista radical, o indivíduo é compreendido de forma monista, na qual é desconsiderado qualquer significado metafísico (mente ou alma).

Palavras-chave: Consciência; behaviorismo radical; eventos privados; comportamento verbal.

Abstract

In this brief review of didactic purpose, we discuss some issues related to consciousness for radical behavior by Skinner. Consciousness can be understood as a top-level (ontological and cultural) problem that involves the ability to describe the motive and the sense of doing something. sensations). The way one behaves verbally, manifestly or covertly, under the radical behaviorist perspective, the individual is understood in a monistic way, in which any metaphysical meaning (mind or soul) is disregarded.

Keywords: Consciousness; radical behaviorism; private events; verbal behavior.

¹ Bacharel em Psicologia e Mestrando em Análise do Comportamento – Universidade Estadual de Londrina.

² Bacharel em Psicologia, Mestre em Educação Especial e Doutor em Educação Especial – Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

A consciência e aspectos referentes a sua definição é um assunto discutido há séculos em diferentes áreas de estudo. Suas definições são diversas e podem ser encontradas em campos de conhecimentos distintas, como por exemplo, na Filosofia, Ciências Sociais, Neurociências, Direito, Psicologia, dentre outras. Nesse trabalho, pretende-se abordar e elucidar questões pertinentes ao conceito de consciência de acordo com os princípios do behaviorismo radical proposto por Skinner.

A literatura analisada sobre o tema, aponta que os primeiros estudos sistematizados sobre o assunto surgiram na Filosofia antiga e era atribuído um valor metafísico, em que era desconexo do mundo material e fragmentada entre corpo e mente (MOREIRA, 1997). Com os avanços científicos impulsionados pelo pragmatismo e aumento de rigor relacionado aos estudos, a consciência começou a ser investigada através de estudos empíricos (JIMÉNEZ, 2004). Destaca-se que no campo da Psicologia, a consciência estava relacionada à atenção e às capacidades de compreender estímulos discriminativos do ambiente (interno e externo).

Em meio a uma preocupação com a real efetividade dos métodos introspectivos, Watson inaugura uma ciência, dentro da Psicologia, que passa a focar em apenas comportamentos manifestos observáveis, deixando de lado os meios de pesquisa que dependiam de relatos subjetivos por suspeita de que os dados produzidos podem não ser confiáveis, incluindo estudos relacionados à consciência (ROSE; BEZERRA; LAZARIN, 2012). Junto a esses estudos, os comportamentos privados ou encobertos foram deixados fora dos campos de pesquisa e esse período ficou conhecido como behaviorismo metodológico (ROSE et al., 2012).

Skinner propôs em meio a esse campo de pesquisa um modo de estudar, de forma monista, opondo-se às psicologias mentalistas, cognitivista e, ao mesmo tempo, oferecendo uma nova forma de observar fenômenos, antes excluídos pelo behaviorismo metodológico, em que o nomeia de behaviorismo radical (ROSE, 2012). O presente artigo apresenta uma discussão teórica da consciência na perspectiva behaviorista radical de Skinner. Para tal objetivo, serão expostas algumas das possíveis contribuições do behaviorismo radical no que tange a definição, como esse repertório comportamental é desenvolvido, sua funcionalidade e importância para o indivíduo.

A consciência em Skinner

Antes de iniciar qualquer discussão a respeito do conceito de consciência no behaviorismo radical, é necessário apresentar alguns princípios dessa filosofia analítico-comportamental. Primeiramente, deve-se esclarecer que o behaviorismo radical tem por objeto de estudo o comportamento dos organismos e parte de uma perspectiva em que considera o indivíduo um ser monista, ou seja, o organismo e mente ou qualquer objeto metafísico, como a alma, encontram-se na mesma esfera de existência na qual não existem divisões (SKINNER, 1974; 1977).

O comportamento não é algo estático e imutável. Na concepção behaviorista radical, o comportamento é apenas uma parcela da atividade total de um organismo (SKINNER, 1938). Outra definição possível, de acordo com essa ciência, é que o comportamento é a interação do organismo com o meio, modificando-o, e por sua vez, sendo modificado (SKINNER, 2003). Sugere-se, ainda, que o comportamento é fruto da interação de três níveis de seleção: filogenético, ontológico e cultural (SKINNER, 1974; 1984). Assim, para os behavioristas radicais, o comportamento está intimamente ligado ao que o cerca, são passíveis de modificar e serem modificados ao longo de sua história enquanto espécie e depende de múltiplos fatores.

O primeiro nível de seleção refere-se aos processos evolutivos, no qual alterações das características hereditárias nos grupos de organismos, que favoreceram a adaptação da espécie, são selecionados e transmitidos em nível genético (SKINNER, 2003). A filogênese é um fator essencial para o desenvolvimento de características que definem a raça humana como membro de uma espécie. Assim, em um nível genético, alguns padrões e características são essenciais para a formação de um indivíduo.

Em relação ao segundo nível, o ontológico, refere-se ao histórico do repertório comportamental de um indivíduo, estabelecido ou não por seu histórico de reforçamento. Para Skinner (2003), o reforço é apresentado de duas maneiras: positivo, quando o evento sucede a apresentação do estímulo (afago, comida ou água, por exemplo), e negativo, que consiste na retirada de um estímulo aversivo/desagradável (remoção de um choque, luz ou som muito forte, dentre outros). Os comportamentos são selecionados de modo operante, de acordo com sua experiência que, por sua vez, aumenta ou diminui a probabilidade de determinado comportamento voltar a ocorrer.

Por sua vez, a cultura é considerada mediadora do comportamento, onde determinada comunidade verbal ou grupo social, designa as respostas que serão reforçadas (ou não) e quais serão punidas (SKINNER, 2003). Ao observar as relações entre os eventos no ambiente social, pode-se compreender o comportamento do indivíduo em

desenvolvimento, no qual, por intermédio de agências controladoras (igreja, escola, governamentais, etc.), são transmitidos padrões de práticas culturais, tal como o que é “Certo” ou “Errado” e “Bom” ou “Ruim” (SKINNER, 2003). Assim, pode-se afirmar que os comportamentos são desenvolvidos ao longo da história do indivíduo através das interações sociais em uma determinada cultura.

Durante processo evolutivo, os sistemas nervosos, provavelmente, evoluíram ao longo da seleção pelas consequências por desempenhar um papel importante na espécie humana e o aparecimento do comportamento verbal tornou-se consequente (SKINNER, 1974). Para que isso fosse possível, a espécie (exclusivamente humana) passou por uma mudança evolucionária única, onde sua musculatura vocal passou a ficar sob controle operante (SKINNER, 1957; 1990). O desenvolvimento de um repertório verbal considerado adequado viabilizou um aumento na quantidade e qualidade de comportamentos que podem ser transmitidos por processos de modelação e modelagem. Na modelação, o comportamento é adquirido por meio da imitação ou cópia de um modelo apresentado, já a modelagem, ocorre por meio de um processo gradativo no qual, a interação com o meio e a relação com os reforçadores são determinantes para o processo de aprendizagem (SKINNER, 2003).

Considerando esses aspectos, uma das maneiras mais eficazes de transmissão de conhecimento é por meio de instruções ou regras (SKINNER, 1957). Os comportamentos governados por regras são transmitidos por comportamentos verbais (vocais ou não vocais) no qual coloca o comportamento sob controle direto das instruções que descrevem contingências através de avisos ou sinais (SKINNER, 1974). Em geral, comportamentos governados por regras, podem ser adquiridos mais rapidamente (se comparar ao modelado que está sob controle direto das relações entre os eventos), tornando mais fácil a tarefa de aproveitar das semelhanças entre os eventos (SKINNER, 1974). Nesse processo, a comunidade verbal, tem a responsabilidade de instalar um repertório que garanta a todos a habilidade de comunicação por meio da linguagem independente de seu idioma (SKINNER, 1957).

O behaviorismo radical não recorre a existência de eventos metafísicos para explicar ou compreender o comportamento. Apesar dessas considerações, comportamentos que ocorrem em um mundo não-físico ou “sob a pele”, como pensamentos e emoções, não são descartados, e sim compreendidos também como comportamentos (SKINNER, 1974). Sob essa perspectiva, os eventos privados, são reinterpretados como ações do indivíduo em interação com o ambiente (interno e externo) e as metodologias behavioristas demonstram ser eficazes ao buscar estudar questões referentes a esse assunto (SKINNER, 1990).

Algumas premissas acerca de que para o behaviorismo radical ideias, pensamentos, emoções, sensações e outras questões referentes a um ambiente privado precisam ser melhores esclarecidas. O que é sentido e observado (introspectivamente) não é um ambiente imaterial da consciência, mente, vida mental ou metafísico, mas sim o próprio corpo do observador (SKINNER, 1974). O sentir, assim como o ver e ouvir, é uma forma de comportamento discriminativo, é estabelecido ou não por suas consequências e depende do ambiente físico e/ou da comunidade verbal (SKINNER, 1974). Assim, além de não descartar questões referentes ao que ocorre “sob a pele”, o behaviorista radical, demonstra interesse e capacidades para investigar o assunto.

A consciência para o Behaviorismo Radical é, assim como emoções e pensamentos, antes de mais nada, comportamento (SKINNER, 1974). Apesar de adquirirmos comportamentos por meio da estimulação de objetos reais, ele pode ocorrer também na ausência deles (sob controle de outras variáveis), tal explicação se torna necessária ao tratarmos considerações acerca do “mundo debaixo da pele” no qual sempre ocorre na ausência de tais objetos (SKINNER, 1980). A capacidade de transmitir aos membros da espécie determinadas informações, como descrever o que se está fazendo ou acontecendo por exemplo, é verbal e consciente, onde o comportamento emitido de falar é consequenciado na interação com o ouvinte (SKINNER, 1957).

Todo comportamento é, inicialmente, não-racional e inconsciente, ele sendo efetivo ou não, e tem probabilidades em tornar-se consciente sem se tornar racional, considerando que as contingências responsáveis por ele não foram investigadas, como por exemplo: um indivíduo pode saber o que está fazendo sem necessariamente saber o porquê (SKINNER, 1974). Ao abordar a consciência sob perspectiva behaviorista radical, deve-se considerar como ponto central que ela é como qualquer outro comportamento e que implicação sobre o ver, não implica (necessariamente) em algo visto. Os comportamentos em geral, são determinados pelas relações entre os eventos, que no behaviorismo radical é compreendido como contingências de reforço. E é influenciado pelos três níveis de seleção pelas consequências (filogenético, ontogenético e cultural), destacando que o comportamento não está na ação e sim na relação entre eventos, como por exemplo: (a) estímulo; (b) resposta; e (c) consequência (SKINNER, 1980). O que pode afetar diretamente o modo em que vivenciamos e relatamos determinados eventos.

A comunidade verbal, geralmente, demonstra interesse no que indivíduo tem feito, está fazendo, seus planos e o por que está se comportando de determinada maneira e não de outra (SKINNER, 1980). Pela maneira em que se faz os questionamentos, o corpo social

interage com outros membros de sua comunidade e sobre tal fato, Skinner afirma: “algumas das variáveis das quais seu comportamento verbal foi função. A consciência resultante disso tudo é um produto social” (1980, p. 172). Determinadas perguntas como por exemplo: “Como você está?”, “Quais são seus planos para o final de semana?”, “Por que está fazendo isso desse jeito e não de outro?”, “Por que está chorando?”, “O que significa essa cara?” e “Como está se sentindo?”, podem ofertar uma possibilidade de mostrar o que estamos “vendo” e provocar respostas que são uteis para a previsão de uma futura conduta e o que está acontecendo internamente a respeito de um estado localizado fora do alcance de outras pessoas (SKINNER, 1974).

A consciência está intimamente relacionada ao autoconhecimento. Ambas podem ser consideradas um produto social, dependente da comunidade verbal, e pode-se afirmar que os graus de consciência variam em diferentes comunidades verbais, já que o produto das relações pode resultar em pessoas, por exemplo, mais introvertidas ou extrovertidas, condutas cuidadosas ou imprudentes e impulsivas (SKINNER, 1974). Skinner (1974), ainda destaca que os diferentes tipos de sociedade, definem como o indivíduo se sente ao interagir com o meio.

Contudo, a consciência para Skinner (1974), (a) pode ser atribuída a uma estimulação que se inicia sob a pele, (b) está sob controle de estímulos ao ter consciência dos estados do seu corpo e o que o cerca, (c) é um produto social no qual a comunidade verbal arranja contingências facilitadora de conhecimento de objetos e autoconhecimento, (d) é útil para responder perguntas realizadas pela comunidade verbal acerca dos eventos privados; e (e) está no mundo físico (sem nenhum tipo de matéria mental). Concluindo, Skinner (1974) destaca que a consciência e o autoconhecimento, para o behaviorismo radical, são passíveis de distorção e a natureza do que é sentido ou observado deve ser questionado. A consciência, acima de tudo, deve ser tratada como algo relacional, que surge em interação social e depende das contingências reforçadoras na prática da comunidade verbal em nível de seleção cultural (SKINNER, 1974).

Considerações finais

Ter consciência sobre si e de eventos que ocorrem ao redor são comumente exigidos dos indivíduos participantes da comunidade verbal. Para o behaviorismo radical de Skinner (1974), a consciência nos permite viabilizar e acessar informações, privadas, que não estão facilmente disponíveis ao meio social, e que podem ser acessadas por meio de respostas verbais. De acordo com o que foi apresentado, a consciência não seria, então, mente, alma ou conteúdo mental, mas sim o próprio indivíduo enquanto observador e também um requisito para o autoconhecimento, adquirido uma vez em que o indivíduo já tenha estabelecido um repertório verbal satisfatório capaz de descrever não apenas o que o cerca, mas também eventos que ocorrem sob a pele e aquilo que fazemos (ROSE et al., 2012).

Por fim, a consciência é estabelecida no momento em que uma pessoa aprende a discriminar perguntas realizadas pela comunidade verbal sobre ela mesma, uma vez que esse comportamento é dificilmente reforçado naturalmente (ROSE et al., 2012). Em grande parte do tempo, o comportamento é inconsciente, porém não menos efetivo, devido a limitações em “nos observar e descrever sempre que nos comportamos, e também porque as contingências de reforço a que estamos submetidos continuam sendo efetivas mesmo quando não temos conhecimento delas” (ROSE et al., 2012, p. 205).

Referências

- JIMÉNEZ, J. M. C. **La atención y su papel en la experiencia consciente.** 20 (1), 103-126. Anales de Psicología, 2004.
- MOREIRA, A. R. L. **Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty.** 2(2), 399-405. Estudos de Psicologia, 1997.
- ROSE, J. C. C.; BEZERRA, M.S.L.; LAZARIN, T. **Consciência e autoconhecimento In: Temas clássicos da psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- SKINNER, B. F. **Verbal Behavior.** Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.
- SKINNER, B. F. **About Behaviorism,** London, Jonathan Cape, 1974.
- SKINNER, B. F. **Why I am not a cognitive psychologist.** Behaviorism, 5, 1-10.3, 1977.
- SKINNER, B. F. **Contingências do reforço: uma análise teórica.** (R. Moreno, Trad.). Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Trabalho original publicado em 1969).
- SKINNER, B. F. **The evolution of behavior.** 41(2), 217-222. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 1984.
- SKINNER, B.F. **Can psychology be a science of mind?** v.45, n.11, p.1206-10. American Psychologist, 1990.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** (J. C. Todorov, R. Azzi. Trad.). Coleção biblioteca universal. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (Trabalho original publicado em 1953).

